



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE  
CAMPUS VALE DO RIO AMDEIRA  
CURSO DE PEDAGOGIA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO  
E DOCÊNCIA**

HUMAITÁ-AMAZONAS

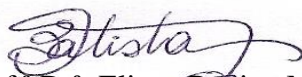
2021

ELAINE DINIZ ABREU LAGOS

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS: HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO  
E DOCÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

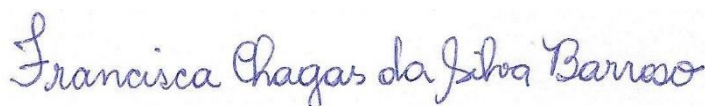
BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eliane Regina Martins Batista  
Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - UFAM



Membro: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Eulina Maria Leite Nogueira  
Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - UFAM



Membro: Prof.<sup>a</sup> Me. Francisca Chagas da Silva Barroso  
Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente - UFAM

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L177n      Lagos, Elaine Diniz Abreu  
Narrativas de professoras aposentadas : história de formação e  
docência / Elaine Diniz Abreu Lagos . 2021  
43 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Eliane Regina Martins Batista  
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. História de vida. 2. Formação. 3. Docência . 4. Professoras  
aposentadas. I. Batista, Eliane Regina Martins. II. Universidade  
Federal do Amazonas III. Título

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, Geny Ferreira Diniz e João de Abreu Lagos, que sempre me apoiaram nos meus estudos, desde o princípio.

Obrigada, meu Deus, com essa pandemia, é uma dádiva realizar este sonho ao lado das pessoas que eu mais amo no mundo, e é por eles que eu cheguei até aqui!

## AGRADECIMENTOS

Um dos momentos mais importantes da minha vida chegou, e agora foi reservada a hora de expressar meu carinho e agradecimento a todos/as que contribuíram para a produção do meu trabalho de Conclusão de Curso. Pode parecer uma construção solitária, mas foi uma trajetória coletiva. Esse trabalho só foi possível a partir do reconhecimento das multiplicidades que me habitam e que vivem em meu entorno.

Primeiro, **Deus**, que na Fé é o meu sustento para tudo! Minha família e, em especial, minha mãe **Geny Diniz**, que cuidou para que eu tivesse suporte físico e emocional, que comprou meu primeiro notebook em Manaus, pois, logo que entrei na Universidade era impossível economicamente. Que me ajudou com todas as apostilas impressas e nunca me deixou faltar absolutamente nada, ela foi a pessoa que mais acreditou na minha capacidade e quando não tinha transporte para me deixar na UFAM, pagava um moto táxi, mas não me deixava faltar. Você é uma das maiores razões por eu estar aqui.

Ao meu pai **João Abreu**, que também foi e ainda é meu porto seguro, pelo amor, pela confiança e por incentivar sempre meus estudos e meu trabalho. Ao meu irmão **Geovane Diniz**, que sempre esteve ao meu lado para tudo. À minha irmã **Edlaine Diniz**, mesmo à distância, nunca esqueceu os laços fraternais que nos unem. À minha irmã **Ellen Diniz**, sempre buscou estar por perto para me ajudar no necessário. Ao meu esposo **Ton Willian**, que cuidou da nossa filha para que eu pudesse concluir este trabalho, que muitas vezes trabalhou sozinho no nosso empreendimento e incansavelmente não deixou de perseverar para que eu pudesse ter esse sonho realizado. Deus sabe como eu o amo e sou grata por ele ser meu anjo terreno.

À minha sobrinha **Sofia Diniz**, nossa alegria! Ao meu cunhado **Daniel Gomes**, que foi a primeira pessoa a me contar que passei na Universidade e me incentivou a estudar, lembro-me como se fosse hoje, ele me dando a notícia, foi memorável! À minha sogra **Rosinéia Alves**, que permitiu muitas vezes eu assistir as aulas, ficando com a minha filha. À minha afilhada **Emanuelle Cristina**, por sempre olhar minha filha para eu executar alguma atividade e a mais importante, à minha filha **Anastácia Diniz dos Santos**, a razão por eu estar terminando este trabalho, ela não foi a razão por eu começar a estudar, mas é razão por eu concluir, ela é meu combustível diário. À **Caroline Alves**, prima do meu esposo, foi a pessoa que mais cuidou da **Anastácia** para que eu pudesse estar aqui agora, sem ela eu não conseguiria e sempre lembrarei disto.

Aos meus amigos da educação básica, que estudaram comigo por anos, que começaram essa construção comigo: **Paula Santiago, Felipe Muriel e Thalia Peres**. Aos melhores amigos da vida: **Elton Souza, Thainny Gabrielly, Nathália Lobato** e meu compadre/melhor amigo **Diego Botelho**, que possui uma parte muito importante deste trabalho, ele sempre me disse palavras de determinação, e nunca me faltou para nada.

À **Bruna Wagner, Wilson Leal, Nara Glenda, Dandara Rodrigues e Antônio Carlos**, as cinco pessoas que mais me mantiveram firme e acreditaram na minha capacidade, quando nem eu mesma acreditava.

Aos meus amigos do curso e para vida, que estiveram comigo neste percurso, que me incentivaram nos momentos mais difíceis, por vocês terei uma admiração eterna: **Daiane Carvalho**, fomos almas gêmeas desde o princípio, foi meu maior ombro amigo nos estudos e nesta caminhada; **Sebastião Júnior**, eu só desejo que todos tivessem a sorte e a oportunidade de ter um amigo como ele, como eu tenho, você é incrível e quando eu pensei em desistir por não conseguir conciliar os estudos com a maternidade, foi ele que me levantou; **Ráisse Passos**, hoje é uma grande professora e ela sabe o quanto sou grata por tudo; **José Edilson, Gean Diniz e Alex Laborda** que sempre me estenderam a mão para me ajudar, muito obrigada, meus amigos!

Meus professores e professoras que me fizeram enxergar que existia dentro da minha alma uma professora, que não sabia da sua existência, que me fizeram ter um grande compromisso com a educação, que antes eu não sabia o que era. Foi a partir deles que eu pude traçar uma linda trajetória e que jamais irei deixar morrer essa alma de professora que habita em mim.

Em especial, à professora **Eulina Nogueira**, que despertou através da sua autenticidade, uma paixão pela História da Educação. À professora **Francisca Chagas**, que sempre fez ver em nós algo para além dos nossos olhares, exemplo disto, são os planos de aula, que nunca foram tão bem trabalhados como eram com ela.

À minha querida orientadora **Eliane Regina**, que sempre buscou meios para me ajudar, sempre teve empatia pela minha vida de mãe com uma bebê pequena, que sempre fez mais do que jamais pensei em merecer, você tem minha admiração de olhos fechados. Obrigada pelo apoio, ajuda com o tema, os textos e por todo incentivo, sem você esse trabalho não teria ganhado a vida que ganhou!

Obrigada a todos, me encontro tão feliz, que não sei se usei as palavras certas. Todos possuem uma grande relevância neste momento da minha vida. Muito obrigada, por fazerem

parte das minhas resistências, desistências, dos meus pontos múltiplos, desequilíbrios e equilíbrios. Agradeço às possibilidades de reinventarmos a cada dia nas cumplicidades, nos estudos, na admiração e nos momentos de conexões potentes. Obrigada, por todo acolhimento que recebi de cada um de vocês, foram essenciais para este momento, muito obrigada!

## RESUMO

**Resumo:** O trabalho refere-se as Narrativas de Professoras Aposentadas: Histórias de Formação e Docência, a investigação deste trabalho foi a qualitativa, com os aspectos teóricos e metodológicos de uma abordagem biográfica que tem como objetivo geral compreender as histórias de vida de Professoras Aposentadas que exerceram à docência nas décadas de 1980 a 2020 no município de Humaitá-Amazonas. O processo de investigação privilegiou as narrativas, por meio de áudios via whatsapp e pela escrita das Professoras Aposentadas. Conclui-se que a formação e à docência entrecruzam-se, o que significa que a vida pessoal e profissional são indissociáveis e isto foi evidenciado nas narrativas de cada Professora Aposentada, e ao situar percursos epistemológicos da pesquisa com a história de formação e docência, é possível compreender por meio do estudo como a vida pessoal e profissional estão interligadas com o cotidiano da escola, dos colegas, dos estudantes; há momentos de desafios e dificuldades, contudo, há resistências satisfação até caminhar para a aposentadoria.

**Palavras-Chave:** História de vida. Formação. Docência. Professoras Aposentadas.



## ABSTRACT

**Abstract:** This work refers to retired teachers' narratives: academic education and teaching stories. The investigation present in this work was qualitative, having as theoretician and methodological aspects a biographical approach. Our general objective is to understand the life stories of retired teachers who practiced teaching from 1980 to 2020 in the city of Humaitá-Amazonas. The investigation process favored the narratives, through audios via WhatsApp and the writing of retired teachers. We conclude that academic education and teaching intersect each other, which means that personal and professional life are inseparable and this was evidenced through the narratives of each retired teacher. By locating epistemological research paths with the history of academic education and teaching, it was possible to understand through this work how personal and professional lives are interconnected with the school routine, colleagues and students. Along this path, there are moments of challenges and difficulties, however, there are resistances and satisfaction until to walk for retirement.

**Key-words:** Life's History; Academic Education; Teaching; Retired teacher.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 – OS PROFESSORES E A PROFISSÃO DOCENTE .....	13
1.1 Os dilemas da Profissão docente .....	16
1.2 O ciclo de vida da profissão docente .....	19
2 – NARRATIVAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS.....	24
2.1 Abordagem e instrumento de pesquisa.....	24
2.2 Apresentando as Professoras Aposentadas da Pesquisa .....	26
2.3 Narrativas de formação e docência.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	42

## INTRODUÇÃO

A educação escolar é uma etapa importante na vida de qualquer indivíduo que vive em sociedade, portanto, deve ser priorizada pelos governantes nas diferentes esferas governamentais (governo federal, estadual e municipal). Estes entes federativos são responsáveis por manter a educação e seus funcionários, dentre os quais destacamos os professores e professoras.

Nesse contexto, os profissionais da educação assumem responsabilidades de promover de forma efetiva o processo de ensino, considerando as diferentes disciplinas escolares para potencializar a aprendizagem dos estudantes. Entretanto, esse não é um momento estático, mas dinâmico e criativo em que se faz e vive à docência.

Isto significa que há pessoas que se dedicam, professores e professoras, para que os estudantes possam construir conhecimentos, ao mesmo tempo, em que há formação cidadã. A partir do entendimento que os professores(as) constituem profissionais relevantes para o desenvolvimento da educação escolar, surgiu o interesse por suas histórias de vida e foi se consolidando enquanto meu objeto de estudo.

Efetivamente, o interesse em pesquisar e narrar as histórias de vida de professoras se constituiu uma investigação importante, principalmente em um momento em que estes profissionais vêm sendo desvalorizados e desconsiderados na sociedade. Além disso, no decorrer do curso de Pedagogia, com as aulas teóricas e estágios, fui conhecendo a realidade e a vivência dos professores(as) e percebi alguns fatores que me trouxeram pensamentos e indagações de como esses professores(as) tornaram-se educadores(as), como foram as suas trajetórias nas escolas em que trabalharam, bem como, de que maneira ocorreram suas formações acadêmicas e, até mesmo, como escolheram atuar na docência.

Durante o curso, não tive a oportunidade de aprofundar sobre essas questões em projetos de iniciação científica ou de fazer esta pesquisa em outros espaços, não houve essa possibilidade quando estagiei, já que o estágio não era sobre essa temática. Assim, esperei pela minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso I para me aprofundar neste assunto. Sendo assim, diante da disciplina “Metodologia da História nos Anos Iniciais”, ministrada pela professora Francisca Chagas, em um trabalho de pesquisa sobre “As Trajetórias das Primeiras Escolas no Município de Humaitá-AM”, que me fez, a partir deste momento, ter interesse pelos relatos dos professores(as), assim como, de que maneira se constituíram suas trajetórias de vida pessoal e profissional no Município. Diante disso, questionei como se deram o

desenvolvimento das primeiras escolas, como eram feitas as formações dos professores(as) e como funcionava a educação escolar naquela época.

Quando fomos à campo para essa atividade, fiquei deslumbrada com tantas histórias sobre as primeiras escolas: Dom Bosco, Oswaldo Cruz e Patronato Maria Auxiliadora. Quando tivemos acesso sobre como foram as suas trajetórias e as fotos antigas, fiquei imaginado a realidade da vida de um professor(a) naquele ponto do tempo. Infelizmente, alguns documentos e fotos da escola Patronato Maria Auxiliadora foram levados junto com as Freiras quando elas deixaram de residir no Município. Ao conversar com algumas professoras que deram aulas por anos nas escolas, pude refletir o quanto isso seria rico em uma pesquisa.

Assim, tive a oportunidade de aprofundar esta pesquisa que tem como objeto de estudo as narrativas de Professoras, com o objetivo geral de **compreender as histórias de vida de professoras aposentadas que exerceram à docência nas décadas de 1980 a 2020 no município de Humaitá-Amazonas**. Pois, os professores(as) e as instituições escolares carregam em seus objetivos a formação do ser humano em sua totalidade, portanto, conforme destaca Libâneo, configura-se “uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de ‘ser humano’” (1998, p. 22). Por essa razão, este trabalho procura aprofundar a relevância sobre como se desenvolveram as vidas profissionais dessas educadoras em diferentes espaços escolares, ao longo do tempo.

Além disso, por entendermos com base em Libâneo que a educação é o “conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, [...]” (Idem), é que destacamos a relevância desta pesquisa, sobre as narrativas de Professoras, em que tentamos conhecer os obstáculos vivenciados ao longo da profissão docente nas instituições escolares.

A educação enquanto conjunto de ações que fazem parte do processo de vida do ser humano, assim como os professores, as instituições escolares, os livros didáticos, os materiais pedagógicos que estão inseridos neste contexto, foram e são corresponsáveis pelo processo educativo de muitas gerações. Desta forma, nesta pesquisa buscamos ouvir as narrativas de Professoras aposentadas, por meio da entrevista narrativa que se desenvolveu por intermédio do aplicativo de mensagens WhatsApp e da escrita (respondendo a entrevista por meio de material impresso), assim, sendo possível ouvir seus relatos e experiências.

Essas histórias contadas por essas Professoras são ferramentas usadas para aprendermos e conhecermos mais sobre a história da educação escolar do município de

Humaitá, bem como para compreendermos como ela foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Assim, para chegarmos no objetivo central do trabalho, as entrevistas narrativas foram pautadas em seus relatos de vidas, para que por meio deles, pudéssemos:

- ✓ Descrever o processo de formação e docência, a partir dos relatos de vida das Professoras Aposentadas;
- ✓ Conhecer as instituições em que as Professoras Aposentadas exerceram à docência ao longo de sua carreira.
- ✓ Analisar as vivências na docência, o planejamento, a relação com os colegas de trabalho e com os alunos.

Este trabalho está dividido em quatro seções: a **Introdução**, que apresenta o objeto de estudo; o primeiro capítulo, que versa sobre os **Professores e sua profissão**; o segundo capítulo, que apresenta a **Metodologia da Pesquisa** e o aprofundamento sobre **As Narrativas das Professoras**; e, por último, as **Considerações Finais** a respeito do trabalho.

## 1 – OS PROFESSORES E A PROFISSÃO DOCENTE

A formação da profissão docente se estabelece com a ajuda do Estado, que passou a assumir o sistema educacional, que por mais de dois séculos esteve detido pelos Jesuítas que estavam inseridos no projeto de colonização dos portugueses. Esta mudança apresentou preocupações em Portugal. Assim, o Estado centralizou o ensino e a formação do professorado.

Historicamente, a identidade profissional dos professores constituiu-se a partir de uma separação e independência das comunidades locais. Portugal foi um dos primeiros países a conceder o estatuto de “funcionário público” aos mestres e aos professores régios, na sequência das reformas pombalinas do final do século XVIII. (NÓVOA, 2002, p. 18)

No final do século XVIII os portugueses implantaram uma rede escolar para expandir o ensino pelo espaço nacional, era uma forma de progredir. O Estado iria se certificar de uma área-chave no processo de reprodução social, ou seja, eles não hesitaram em elaborar condições para a formação de professores(as), pois sabiam que os professores(as) são uma ponte construtiva para escolarização. Assim, “o processo de profissionalização do professorado fez-se sob a tutela do Estado, ainda que não se deva ignorar o papel desempenhado pelos movimentos associativos desde as décadas iniciais do século XIX” (idem, *ibidem*).

A formação docente absorve uma espécie entre dois que é marcada negativamente a história contemporânea dos professores, com fundamento em António Nóvoa (2003, 2009), os professores (as) não podem ser mais e nem menos, não podem saber de mais e nem de menos, eles também não podem se misturar com os povos e nem serem pobres ou ricos, não são funcionários públicos e nem profissionais liberais.

O professor(a) não tinha uma identidade própria, eram literalmente submetidos ao poder que o Estado determinava, assim, os professores(as) não tinham autonomia de ensinar, mas somente de transferir o que o Estado queria que transferissem, pois, o Estado dá aptidão para desempenhar a tarefa que é educar, segundo Nóvoa (2002), referenciando estudos de Lima e Tamagnini:

O poder político é, por definição, incompetente para exercer a função educadora e tratar de assuntos doutra técnica que não seja a da política. [...] Um recrutamento de professores só pode ser feito por quem conheça perfeitamente as necessidades do ensino. O recrutamento de técnicos só pode ser conscientemente feito pelos seus iguais (Adolfo Lima, 1915, pp. 360-361).

- Ora, se o currículo deve indiscutivelmente considerar-se da competência do Estado, o mesmo se não pode afirmar dos programas dos cursos que devem constituir

atribuição exclusiva dos corpos docentes. O Estado organiza o plano geral dos estudos, formula os objetivos a realizar, mas aos professores e só a eles compete a organização dos programas dos cursos, isto é, a seleção das matérias, a concretização dos exemplos e a escolha dos métodos e processos adequados à realização dos fins que se tem em vista. (Eusébio Tamagnini, 1930, p. 94).

Do ponto de vista desses dois autores, citados por Nóvoa, que apresentam ideias e conceitos diferenciados, onde concordam que é necessário determinar o espaço do professor (a) para o seu processo de autonomia, para que tenha progresso na profissão docente. Desse modo, a formação de professores(as) é uma etapa em que o sujeito passa a conhecer alguns dos critérios que estão inseridos na sua formação, sendo eles a socialização e a configuração profissional.

No meio deste processo de formação docente, existe uma incoerência da parte do Estado, que executa um trabalho autoritário sobre os professores, retirando qualquer ação de autonomia que venha deles. Com isso, tem-se a contradição que o próprio Estado prega, disfarçando as suas reais intenções com relação a formação dos professores, criando condições de hombridade social, para que a imagem do professor(a) receba alguma importância. Assim, não fica tão evidente o autoritarismo que é colocado como submissão diante da formação docente.

A formação de professores(as) ao longo dos anos passou, e ainda passa, por um processo árduo de construção, pois não houve muito interesse por parte do Governo que a educação, de um modo geral, pudesse progredir. Por essa razão, a década de 1980 é marcada por fatores negativos que deixaram a profissão docente desprestigiada, e alguns dos fatores que assinalaram este momento foi a inexistência de projeto coletivo e a falta de estimulação da classe docente (NÓVOA, 2002, 2009).

Dessa forma, Nóvoa (1992a, 1992b, 2002, 2009) sustenta a ideia de que a formação de professores(as) é um procedimento muito importante e significativo, na configuração de uma nova profissionalidade docente, ocasionando uma cultura profissional no professorado e uma cultura organizacional nas escolas.

Por isso, precisamos compreender o quanto é necessário o desenvolvimento pessoal neste processo de formação de professores(as). Contudo, infelizmente a formação de professores(as) tem menosprezado constantemente esse fator, assim como também não tem reconhecido a junção na formação e nos projetos das escolas, nem a autonomia são atribuídas como fator importante deste processo. Diante desses problemas, a formação fica impossibilitada de ter um desenvolvimento profissional, isso tanto no trabalho individual, como também no coletivo docente.

É fundamental que a formação desperte pensamentos críticos e reflexivos, conscientizando os professores(as) sobre como o seu papel é essencial, de como a formação precisa ser constante, construindo ideias autônomas e que promovam momentos de participação, os motivando a trabalharem em conjunto, apreciando e aperfeiçoando o coletivo, e como ele pode ser um instrumento rico para o conhecimento. É preciso ressaltar também que a formação não é a acumulação de conhecimentos, mas sim a conquista construída por inúmeras interações que o sujeito promove nesse processo de interação.

A formação de professores(as) envolve o lado pessoal que faz parte desta construção, por esse motivo é primordial investir de forma equivalente nos dois processos. A formação de professores(as) é um fator inerentemente educativo, em que seu processo é indispensável para que o ensino e aprendizagem tenham êxito. Portanto, cabe aos professores(as) saber lidar com os problemas, avanços e obstáculos que surgem na sociedade e na escola, pois são eles que tem o compromisso e a responsabilidade de mediar os conhecimentos que são construídos ao longo dos anos.

Na proporção que se vai construindo conhecimentos, saberes e experiências, é essencial para a docência que seja sempre colocado em prática os conjuntos de ações, para que o professor(a) possa construir, desconstruir e reconstruir a sua identidade profissional docente, e assim, também colocar em prática a sua profissionalidade docente:

Devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do seu percurso de vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica" (DOMINICÉ, 1990, p. 149-150).

Por meio disso, percebemos que a experiência adquirida nesta construção, no processo de formação docente, assume um papel extremamente importante que transcende a educação-ensino, gerando avanços pedagógicos e didáticos, o que pode ter como consequências a criação de momentos de participação, reflexão e formação. Assim, compreendemos que a formação não se trata apenas de conhecimentos teóricos que são acumulados, mas também de práticas e experiências com sentido na prática pedagógica.

Quando se troca experiências e saberes, estabelecem espaços onde a formação se transforma mútua, assim cada professor(a) pode realizar a função de formador e formado. À vista disto, estabelecer diálogos entre os professores(as) é relevante na reconstrução de saberes, resultando na prática profissional, mas o que pode ser ainda mais positivo é a criação de redes



coletivas de trabalho, que contribuem na socialização profissional e valores próprios da profissão docente.

Desta forma, é indispensável levar em consideração a experiência e a identidade profissional como construção significativa na formação de professores(as), pois são componentes essenciais para que os objetivos educacionais sejam alcançados. Por esse motivo, a formação precisa ser de qualidade, estando preparada para processos de inovações e mudanças.

No desenvolvimento profissional, os professores(as) que trabalham de maneira individual com as práticas de formação contínua e organizadas podem até adquirir saberes, conhecimentos e técnicas, mas desta forma estão colaborando para que a imagem do professor seja vista como transmissor, gerado fora da profissão docente, ou seja, o professor (a) não constrói a sua autonomia. Por outro lado, o professor(a) que se direciona para uma dimensão coletiva, permite ser transformador dentro de uma perspectiva profissional e autônoma, construindo seus saberes e valores.

O processo formativo contínuo (NÓVOA, 1992) pode incentivar o desenvolvimento docente, por isso que a formação é um elemento crucial para os professores(as), sendo um momento de aprendizado, conhecimentos e experiências. Assim, esta é razão pela qual se deve valorizar os paradigmas de formação que ajudam a transformar os professores(as) em sujeitos reflexivos, para que assim possam assumir o seu papel de responsabilidade dentro do seu próprio desenvolvimento profissional, atuando no desenvolvimento das políticas educativas.

### **1.1 Os dilemas da Profissão docente**

No final do século XX a formação de professores(as) passou por novas condições com base em outras concepções que integravam a formação e o trabalho docente. Assim, a formação passou a ser influenciada também por outras bases teóricas: *epistemologia da prática*, *professor-reflexivo*, *professor-pesquisador*, *saberes docentes*, *conhecimentos e competências*, e mesmo que ainda esses termos não fossem considerados de um modo geral, passaram a ser debatidos e incorporados na Educação e no processo de formação docente.

Havia movimentos internacionais com foco para a formação docente a nível de ensino superior, em nosso país isto se configurou especificamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/1996 que indicava a valorização do Magistério por meio da formação, assegurando espaço de profissionalização para a carreira docente. Entretanto, apesar

de haver a legislação que assegura essa formação, ainda havia professores(as) atuando em 2015 apenas com a formação de Ensino Médio ou a antiga Habilitação para o Magistério nos municípios de Humaitá, Lábrea e Manicoré, conforme a pesquisa realizada por Batista, Nogueira, Alencar e Mascarenhas (2015).

Apesar desta pesquisa ter se realizado em 2015, ela alerta para a necessidade de as redes educacionais investirem na formação inicial e continuada de seus professores, sobretudo, de apoiar os professores que enfrentam tantos desafios e dilemas na carreira docente.

Podemos afirmar que é preciso assegurar realmente aos professores de Humaitá, Manicoré e Lábrea a formação em nível superior. Além disso, verificamos que foram realizados apenas dois convênios para oferecer uma graduação (pedagogia), é preciso ampliar as possibilidades de formação dos professores, através de novos programas, bem como, apoiá-los para que possam dedicar-se aos estudos. Os docentes não podem ser os únicos responsáveis pela sua formação é necessário que os municípios colaborem não somente com espaços, mas também, com auxílio de bolsas de estudos. (BATISTA, NOGUEIRA, ALENCAR E MASCARENHAS, 2015, p. 192).

Neste contexto, podemos considerar que os professores(as) vivenciam dilemas na profissão, em que estes acabam tornando-se parte de um amplo e diversificado campo de estudos, a exemplo de Nóvoa (2002), em seu livro *Formação de Professores e trabalho pedagógico*, em que menciona três dilemas vivenciados na profissão docente: a **comunidade**, a **autonomia** e o **conhecimento**. O autor reforça que estes não são dilemas recentes, mas adquirem hoje, configurações novas e exigem respostas urgentes da parte dos professores(as).

Ao se referir a esses dilemas, o autor nos permite ampliar uma melhor percepção sobre a formação de professores, para que possamos entender o quanto a profissão docente é complexa, bem como, o quanto é necessário haver uma relação pedagógica imbricada no contexto das relações sociais.

Desta forma, Nóvoa esclarece o primeiro desses dilemas: **O dilema da comunidade: Redefinir o sentido social do trabalho docente no novo espaço público da educação ou da importância de saber relacionar e de saber relacionar-se** (2002, p. 19, grifos do autor).

O autor salienta que há a necessidade de mudar o sentido social da profissão docente, para a ideia de uma escola enquanto espaço aberto, ou seja, com a presença de outras instituições, culturas científicas e, principalmente, com a interação de comunidades locais, para conhecer as especificidades de cada comunidade e, somente assim, será possível entender as necessidades sociais para derrubar os obstáculos que perduram desde muitos anos até a atualidade.

Como conseguir que as famílias e as comunidades **sintam que a escola lhes pertence** sem que, ao mesmo tempo, se fechem na ‘sua’ escola? Como conseguir que a educação responda aos anseios e aos desejos de cada um sem que, ao mesmo tempo, renuncie à integração de todos numa cultura partilhada? As soluções do passado não respondem às perguntas do presente (NÓVOA, 2002, p.19, grifos nossos).

Esse sentimento de pertencimento da comunidade com a escola evidencia a ausência dos pais na escola; por outro lado, há estudantes que não se sentem parte da comunidade escolar e se fecham, não se envolvendo com as atividades. É necessário que as escolas desenvolvam estratégias para que todos que vivem naqueles espaços se sintam em uma comunidade e que são corresponsáveis pelo desenvolvimento da educação.

Nóvoa (2002) aponta o segundo aspecto sobre os dilemas, que é **a autonomia**, sendo caracterizado por ele enquanto “mágico” e com junção em duas expressões correntes na contemporaneidade: o projeto de escola e a colegialidade docente.

O “projeto de escola” e a “colegialidade docente” são dois discursos que têm dominado os debates educativos no último decênio. Integrados em movimentos de renovação com origens e intenções muito diversas, sugerem modalidades novas de organização das escolas e da profissão, que têm como referência o conceito mágico de “autonomia” (NÓVOA, 2002, p. 25).

O autor aborda essas duas expressões com a necessidade de entendermos o quanto a organização escolar e a profissão docente não têm recebido a devida atenção e que ambas englobam aspectos indispensáveis para uma educação de qualidade, configuradas em um projeto de escola.

Num primeiro registo (projecto de escola), é preciso reconhecer que não temos prestado a devida atenção às formas de organização do trabalho escolar. Pensamos nos professores e na sua formação, nos currículos e nos programas, nas estratégias pedagógicas e nas metodologias, mas raramente nós temos interrogado sobre a organização do trabalho na escola: definição dos espaços e dos tempos lectivos, agrupamento dos alunos e das disciplinas, modalidades de ligação à “vida activa”, gestão dos ciclos de aprendizagem, etc. É evidente que há um conjunto de experiências muito interessantes, que foram sendo integradas na memória da profissão, alargando o repertório dos professores. (2002, p. 21-22)

Além disso, o autor salienta também que precisa de mais investimentos na formação de professores e professoras, bem como precisa-se ainda de mais perseverança e atenção dentro dessa perspectiva. Diante disso, ele considera “importante, por isso, que se caminhe no sentido de promover a organização de espaços de aprendizagem inter-pares, de troca e de partilha. Não se trata, apenas, de uma simples colaboração, mas da possibilidade de inscrever os princípios de colectivo e de colegialidade na cultura profissional dos professores.

Por fim, Nóvoa (2002) aponta como terceiro aspecto **o conhecimento, o saber analisar e o saber analisar-se**, ou seja, é preciso desenvolver o conhecimento profissional.

Não é fácil definir o conhecimento profissional: tem uma dimensão teórica, mas não é teórico; tem uma dimensão prática, mas não é prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é unicamente produto da experiência. Estamos perante um conjunto de saberes, de competências e de atitudes mais (e este mais é essencial) a sua mobilização numa determinada ação educativa. Há um certo consenso quanto à importância deste conhecimento, mas há também uma enorme dificuldade na sua formalização e conceitualização. Ponho como hipótese de trabalho que ele depende de uma reflexão prática e deliberativa (NÓVOA, 2002, p. 27).

O autor coloca que não é fácil definir o conhecimento da profissão docente, o campo é complexo e cheio de obstáculos, é preciso ter visão para analisar e analisar-se, em que o professor deve ter propósitos em suas atitudes e ações, principalmente na prática, que é uma tarefa que exige muito mais de si. O professor tem que adquirir visibilidade em seu trabalho, para obter discussões positivas e favoráveis voltados para o seu conhecimento (NÓVOA, 2002).

O autor ainda ressalta que o enfrentamento destes dilemas (comunidade, autonomia e conhecimento) são fundamentais para a formação docente. E, assim, poderemos nos dar conta da complexidade da formação de uma maneira mais específica e profunda, por isso precisamos nos certificar de todos os impactos presentes na vida, na formação e no processo de ensino. E reforça que é “na complexidade de uma formação que se alarga a partir das experiências e das culturas profissionais que poderemos encontrar uma saída para os dilemas dos professores” (NÓVOA, 2019, p. 10)

Esta preocupação exposta por Nóvoa direciona, particularmente para a formação docente, ou seja, é preciso compreender como se desenvolve o processo formativo na sua inteireza. Além disso, se amplia para a profissão, ou seja, a vida do professor, o que implica conhecer e compreender o ciclo da profissão e as intercorrências que afetam direta ou indiretamente o trabalho docente, a partir disso, no tópico abaixo, aprofundamos a questão relacionada ao ciclo profissional docente.

## **1.2 O ciclo de vida da profissão docente**

O ciclo da profissão docente é um elemento fundamental para compreendermos como esse processo se desenvolve durante a trajetória de vida de professores e professoras. Desse modo, com base em Huberman (2007), teremos uma compressão mais específica sobre o ciclo

da vida profissional, com informações que envolvem características retratadas pelo autor em seus estudos.

Os estudos voltados para o ciclo da vida estão presentes no desenvolvimento dos seres humanos, eles estão inseridos em várias dimensões, tanto na vida social, na biologia e psicológica, fazendo parte intrinsecamente e extrinsecamente da vida humana. Por essa razão, precisamos entender as maneiras como elas são aplicadas, como também, é necessário saber que o caminho da vida não é único, como se fosse estabelecida uma ordem que é obrigatória ser seguida. Por isso, deve-se entender que no ciclo da vida humana temos as relações familiares, conflitos individuais e familiares, vidas que são extremamente diferentes e outras com algumas semelhanças. Existem também uma diversificação de expectativas sociais que motivam e são motivadas no ciclo pessoal e profissional.

É por meio do ciclo da vida pessoal e profissional que o caminho da docência se desenvolve e oferece uma dedicação maior na profissão. O autor também destaca que neste caminho as professoras e professores percebem-se em vários momentos da vida, que é por este motivo que a vida profissional também passa por fases diferentes no decorrer da carreira.

Ele traz em seus estudos tendências gerais sobre o ciclo da vida da profissão docente, que, ao analisar, compreendemos que essas fases se desenvolvem de acordo com o percurso dos professores e professoras em sua profissão. O autor define essas fases como: estabilização, diversificação, distância afetiva ou serenidade e o desinvestimento (HUBERMAN, 2007).

Huberman apresenta as fases de acordo com os anos de carreira dos docentes: a entrada na carreira (de 1 a 3 anos) compreendida como o tempo de sobrevivência e descobertas da docência; a fase de estabilização (de 4 a 6 anos), de identificação profissional; a fase de diversificação (de 7 a 25 anos de profissão), momento de experimentações; a fase de distância afetiva ou serenidade (de 25 a 35 anos), lugar de serenidade e lamentação; e, a fase do desinvestimento (de 35 a 40 anos), próprio do final de carreira profissional.

Podemos então, compreender que os percursos da vida profissional e o ciclo acontecem em atribuição a essas etapas, desta maneira o autor relaciona essas etapas conforme as idades. Assim, ao analisar essas fases, constatamos que o ciclo da vida profissional, tanto à docência, como outras profissões, pode ser marcadas também como esses estudos sobre as fases que Huberman (2007) aborda, sendo essencial entendermos que essas fases são construídas por meio de momentos históricos, estágios profissionais e experiências que cada docente tem em sua vida individual, onde essas etapas refletem nele como pessoa (GARCÍA, 1995).

O autor apresenta seus estudos empíricos, inicialmente, colocando que as razões pela escolha da carreira docente são diversas, em que os primeiros aspectos são a sobrevivência e a descoberta nesse princípio de carreira, que acontece no primeiro e terceiro ano de profissão. É também um momento de descobrimento para além de si, sobre a sua trajetória no campo da docência, por este motivo que a complexidade dessas fases deve ser compreendida e respeitada diante de cada sujeito.

É necessário entendermos que, ao falar sobre a sobrevivência no início da carreira, um momento muito importante em que o docente tem a compreensão, visibilidade e a obscuridade que é a situação profissional. Por isso, é neste ponto que o docente tem a preocupação consigo próprio, com a sua didática e conhecimentos. Assim, para complementar os fatores iniciais sobre a carreira docente, o autor situa a descoberta como uma experimentação ou animação por estar finalmente situado em um ambiente de responsabilidade e principalmente por se sentir inserido dentro de um contexto profissional.

A fase de estabilização que é apontada por Huberman (2007), aborda uma consolidação diretamente no ensino, é o ato de escolher ser professor ou professora, eliminando para sempre ou por um determinado momento outras possibilidades, o que nem sempre é uma escolha fácil, ainda mais quando se trata de uma escolha profissional, que envolve muitos fatores, tendo cada sujeito que decidir cursar uma determinada formação, que é a escolha da sua identidade profissional, em que é necessário renunciar escolhas da adolescência e olhar para a vida adulta com mais responsabilidade e compromisso. Desta maneira, é possível observar com mais relevância essas fases que Huberman (2007) coloca e que são constituídas em diferentes momentos da carreira.

Outra fase apontada é a diversificação, um momento de experimentações como docente. É nesta fase que o professor ou professora vai experimentar as suas experiências pessoais e profissionais. É uma fase rica de conhecimentos, tanto no saber como também no aprender. Outro fator interessante é a diversificação dos materiais didáticos e a forma como trabalhar e aplicar os seus conhecimentos.

A fase da experimentação, varia das experiências únicas de cada professor (a), é um período em que o docente precisa ser ou deve ser mais motivado, pois, para isso, já houve um momento de vivência e prática com a carreira. Por este motivo, se espera que ele(a) seja mais dinâmico e empenhado dentro do trabalho coletivo e das práticas pedagógicas. Assim, o(a) docente, pelo lado positivo, pode perceber o prestígio que essa fase pode trazer se trabalhada da maneira correta.

Mais uma fase que Huberman (2007) apresenta é a pôr-se em questão, o nome da própria fase já nos dá uma transparência do ela se refere. Essa fase retrata múltiplas peculiaridades, sendo uma delas o questionamento sobre a sua tarefa como docente, as suas práticas e didáticas. Nesta fase, acontece uma reflexão sobre o que o docente terá feito em sua trajetória como professor ou professora, em que ele(a) passa a se autoanalisar e perceber o que ele(a) fez de sua vida e se ainda quer permanecer neste trajeto.

Uma circunstância a se considerar é que não podemos afirmar que todos os docentes passam por esta autoanálise sobre os seus questionamentos individuais, mas sabemos que os mesmos passam pela sala de aula, pelo contexto político e econômico, pela vida pessoal e familiar que se agrega neste contexto, trazendo os aspectos intrínsecos e extrínsecos, e até mesmo pela apatia ou empatia que cada docente apresenta ter.

A serenidade e distanciamento afetivo é também umas das fases do ciclo de vida da profissão docente, que ocorre entre 25 e 35 anos de trabalho. É importante saber que nem todos os docentes alcançam a serenidade e que existem muitas razões para isso, em que acontecem questionamentos sobre os docentes não saborearem essa tranquilidade que essa fase descreve.

Essa fase nos faz perceber que existem dois caminhos que estão presentes neste ciclo e que englobam a educação, pois essa serenidade aborda situações que muitos docentes, sejam eles dedicados ou não, passam a ter por não se preocuparem mais com o ensino, por não quererem mais fazer a diferença, por não serem mais valorizados, por estarem mais velhos e cansados, e passam a fazer um trabalho mais mecanizado. Já o distanciamento é um fator decorrente dos anos na docência, que se fazem vistos mais como homens e mulheres do que docentes. É uma fase em que o cansaço já está aparecendo, em que não há mais um prazer para lidar com os acontecimentos em sala de aula.

O conservantismo e lamentações é apontado por Huberman (2007) por meio de suas pesquisas empíricas, é quando os docentes chegam nessa fase do conservantismo e lamentações, pois diante desses estudos, houve muitas lamentações sobre a falta de interesse dos alunos, muitos constaram que já não são mais motivados como antes e muito menos disciplinados.

Ele vê essa fase não só como uma adversidade que acontece especificamente dentro do ensino, mas em torno da política educacional, que é um dos instrumentos mais fundamentais para a educação básica, e que essas políticas educacionais existentes são complicadas e pouco nítidas com os seus deveres. Por esse motivo, essa fase é demarcada por conservantismos e lamentações.

O desinvestimento é apontado como uma mescla de significados acerca do final da carreira docente. Assim, essa fase é canalizada como: compreensões sobre o desinvestimento da carreira docente, desencantos com a carreira docente e a autorrealização pela docência. Esses termos são colocados para se obter uma compreensão a respeito desta fase, em que acontece um certo equívoco quando pensamos que esse desinvestimento só ocorre na docência, como se as outras profissões estivessem isentas dessas dificuldades.

É um momento em que cada docente passa no final de carreira, de maneiras diversas, pois são histórias de sujeitos diferentes e cada processo de envelhecimento ocorre conforme a vida do indivíduo. Por isso, precisamos compreender essas especificidades que são ligadas à vida pessoal e profissional, à vida familiar que insere outros fatores e histórias que estão ligadas com a individual do sujeito. Essa fase está relacionada também com as organizações e cumprimentos de cada docente, e ainda que seja o final de carreira, nunca é tarde para experimentar novos espaços e conhecimentos.

Desse modo, este trabalho mostra as peculiaridades de cada fase do ciclo da vida da formação docente. Por isso, Huberman (2007) ressalta que o ciclo de vida profissional engloba características semelhantes entre os professores(as) em diferentes fases da carreira, agrupando-as e classificando-as em categorias. Assim, pode-se entender que dentro dessas fases os docentes entendem que são por meio delas que eles se percebem nos exercícios diferentes em determinados momentos da carreira, considerando que esses momentos são acontecimentos marcantes no caminho e construção da docência.



## 2 – NARRATIVAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS

Neste capítulo apresentamos a metodologia da pesquisa, ou seja, o caminho que construímos para realizar a investigação, bem como, a análise das narrativas das Professoras Aposentadas.

### 2.1 Abordagem e instrumento de pesquisa

A abordagem que subsidiou nosso olhar nesta investigação foi a qualitativa, que, segundo Chizzotti (2001), parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Com esse entendimento, analisamos as narrativas das Professoras a partir das vivências que enfrentaram enquanto pessoa e profissional da educação.

Além da abordagem qualitativa utilizamos o referencial teórico e metodológico da pesquisa autobiográfica ou história de vida, com base em Nóvoa (1997) e Bueno (2006) por meio da qual pudemos **compreender as histórias de vida de professoras aposentadas que exerceram à docência nas décadas de 1980 a 2020 no município de Humaitá-Amazonas**, sendo possível ouvir as suas narrativas, suas vivências e desafios da docência nas instituições escolares em diferentes momentos.

Trabalhar com histórias de vida, de acordo com Bueno é reconhecer que possuem diferentes perspectivas que permitem acessar as memórias dos professores:

[...] memória (s), lembranças, relatos de vida, depoimentos, biografias, biografias educativas, memória educativa, histórias de vida, história oral de vida, história oral temática, narrativas, narrativas memorialísticas, método biográfico, método autobiográfico, método psicobiográfico, perspectiva autobiográfica. (BUENO et al., 2006, p. 388).

Bueno retrata essas informações, que por meio delas, podemos acessar as memórias dos professores (as), assim, com diferentes perspectivas é possível conhecer os relatos de vida e experiência que cada docente traz consigo. Desta forma, por isso é relevante dar a voz ao professor (a), para que com ela e com as diferentes perspectivas, possamos traçar um roteiro para alcançar os objetivos e expectativas de uma pesquisa.

Neste contexto, levantamos questões que talvez não tenham sido pensadas ou até mesmo foram, mas que nunca foram colocadas em uma reflexão do antes e depois dessas histórias de vidas que apontam do cotidiano da infância, até as suas práticas em sala de aula, os instantes vividos por cada uma, até entrarem na cena educacional dessas instituições e, como as suas ações repercutiram para essas escolas.

Assim, elaboramos um roteiro de entrevista que foi aplicado para com as Professoras por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp no mês de junho de 2021. O roteiro contém as seguintes questões:

1. Nos conte um pouco de você, seu nome completo, sua idade, estado civil, sua família.
2. Quando ingressou na docência, quais foram os motivos que lhes fez optar por ser professora? Como foi esse processo? Houve resistência ou não por parte da família?
3. E as escolas por onde trabalhou, nos fale das suas experiências? Houve alguma escola que lhe marcou?
4. Você lembra como planejava suas aulas? E como era a dinâmica de ministrar as aulas? Como era a relação com seus alunos?
5. E as vivências com seus colegas de trabalho, o que pode nos contar de marcante?
6. Como você se sentia sendo professora?
7. Há quantos anos está aposentada? Como foi o processo?

Desta maneira, ao falarem de suas histórias, foi possível perceber que construímos a vida profissional a partir de nossas experiências de vidas, da formação docente e das nossas atitudes em sala de aulas. Por essa razão, a biografia de cada um vai refletir para si mesmo uma autoavaliação sobre como construíram suas histórias como professores (as).

Ressaltamos que, por este motivo, a formação de um professor(a) deve ser completa, ou seja, em nível superior, é por meio dela que formamos um indivíduo responsável por uma tarefa muito importante. Portanto, essa formação precisa abranger necessidades educacionais e existenciais, assim ela não pode ser uma formação longe da vida, precisando ser mais humana, sensível e dialógica, como nos diz Nóvoa:

A formação não se constrói por acumulação de (curso, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (1995, p. 25)

Desse modo, podemos perceber que a vida pessoal e a profissional estão interligadas e que ambas fazem parte de quem o indivíduo é. Assim, destacamos que excluir a vida pessoal desta formação é favorecer uma vida fragmentada, sem potencial para produzir transformações nos sujeitos ou nas escolas, o que é uma grande lacuna para o meio educacional.

A partir disso, trazemos os objetivos específicos de nosso trabalho: Descrever o processo de formação e docência, a partir dos relatos de vida das Professoras Aposentadas; Conhecer as instituições em que as Professoras Aposentadas exerceram a docência ao longo de sua carreira; Analisar as vivências na docência, o planejamento, a relação com os colegas de trabalho e com os alunos.

Estes objetivos foram articulados às questões do roteiro e analisados com base no nosso referencial teórico. Assim, esta investigação mostra um pouco das histórias das Professoras que foram denominadas de **Aurora**, **Isis**, **Catarina** e **Anastácia** e são analisadas a seguir.

## **2.2 Apresentando as Professoras Aposentadas da Pesquisa**

**Professora Aurora** - com 73 (setenta e três) anos, tem 09 (nove) filhos, divorciada e aposentada. Reside no Município de Humaitá-AM e desde os 07 (sete) anos idade quis ser professora, assim, se realizou em sua profissão, tinha muito orgulho do que fazia e mudou a vida de muitas crianças. A professora Aurora está aposentada de sua primeira cadeira há 26 (vinte e seis) anos e da sua segunda cadeira há 18 (dezoito) anos.

**Professora Isis** - com 56 (cinquenta e seis) anos, casada, tem 03 (três) filhos e aposentada. Reside no Município de Humaitá-AM. Soube que queria ser professora desde o momento que sua amiga lhe fez o convite. Desde então, o amor e doação pela docência só aumentaram. Sua trajetória como professora foi marcada também por sua participação na construção da escola Jardim de Infância, que hoje é a escola São Francisco, está há 04 (quatro) anos aposentada e se sente muito contente por ter se realizado como professora.

**Professora Catarina** - com 55 (cinquenta e cinco) anos, tem 02 (dois) filhos, viúva e aposentada. Reside no Município de Humaitá-AM. Seu sonho não era como primeira opção ser professora, mas ao experimentar essa profissão foi construindo a sua experiência diante de sua caminhada. Assim, se realizou profissionalmente por 28 (vinte e oito) anos. Agora, encontra-se aposentada há 03 (três) anos.

**Professora Anastácia** - com 55 (cinquenta e cinco) anos, tem 02 (dois) filhos, casada e aposentada. Reside no Município de Humaitá-AM. Seu amor pela docência começou desde

cedo ao estagiar na educação infantil, em que se encantou com as crianças. A partir deste momento, resolveu prosseguir como professora. Assim, se realizou imensamente e profissionalmente. Em julho completa 07 (sete) anos que está afastada pelo Estado de sua primeira cadeira, e 05 (cinco) da segunda cadeira.

### **2.3 Narrativas de formação e docência**

Esclarecemos no tópico inicial da análise que realizamos a entrevista com as Professoras Aposentadas, sendo possível construir uma análise de suas vivências, tanto pessoais quanto profissionais, a partir de nossos objetivos, do referencial com os fatos que emergiram das falas e do que foi escrito pelas Professoras.

Ao focar a atenção sobre as diversas dimensões de suas trajetórias de vida (família, trabalho), indagamos, ao mesmo tempo, seus projetos e valores que orientaram suas escolhas neste percurso. Assim, será acentuado as semelhanças e diferenças, por meio de seus relatos de vida, que são essenciais para a formação da sua identidade pessoal e profissional, e como ambas estão interligadas, compondo e constituindo as histórias de professores(as), o que nos leva a concordar com Queiroz quando define a história de vida como:

[...] o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (1988, p. 20)

Assim, esta pesquisa foi voltada para quatro relatos de vida, cada uma com a sua singularidade, construindo a sua noção de identidade, considerando suas vivências e experiências de vidas, acontecimentos que delineiam as relações com outras pessoas, mas também fazem parte dessa construção. Por isso, para esta pesquisa, foi essencial dar a voz as professoras aposentadas, que, por meio de suas histórias vida, implicam na construção de sentidos para a docência.

Perguntamos as Professoras Aposentadas<sup>1</sup>: Quando ingressaram na docência, quais foram os motivos que lhes fizeram optar em serem professoras. Como foi esse processo? Houve

---

<sup>1</sup> As narrativas das Professoras Aposentadas estão em itálico para diferenciar de autores utilizados no texto e para destacar suas narrativas.

resistência ou não por parte da família? Os fragmentos das narrativas expressam que foi em diferentes momentos e por motivos específicos.

**Professora Aurora:** *aos 07 anos, eu já estudava, sem muita noção do que era, sem saber do contexto ou de como estava inserida neste contexto. Ainda não existia professores, eram as Freiras que davam aulas, então eu as via como anjos. Um certo dia, meu pai foi convidado para tirar castanhas e então nós fomos para o centro da floresta Amazônica, mas antes de chegarmos a este local, fizemos uma parada na casa de um parente do meu pai, que tinha um filho que residia em Manaus pelo fato de estudar, mas neste dia ele estava na casa do seu pai. Nesta época as casas eram feitas de paxiúba e palafitas, e na parede desta casa em que paramos, tinha revistas pregadas na parede, que o filho deste parente que estudava em Manaus trazia e pregava. Então dentro da casa todo o meu olhar ficou voltado para aquela parede com revistas, achei muito interessante. Todos estavam conversando, meus pais e os donos casa, mas o rapaz que estudava em Manaus estava me observando, e nesta época eu já estava começando a ler, então comecei a ler, já que não tínhamos acesso a nada e nem contato com esse tipo de leitura, aproveitei a curiosidade juvenil e pela leitura para ler o que estava escrito nas revistas. O rapaz ao perceber aquilo, se juntou comigo e me ajudou a formar palavras as palavras mais difíceis, e eu fiquei muito animada, depois ele se juntou com os pais, mas fiquei lá o tempo todo, em pé, olhando, apreciando e tentando formar mais palavras. Passado algum tempo, meu pai me chamou para voltar a cozinha, quando rapaz que estudava em Manaus disse: “olha tio, a sua filha vai ser professora, a tendência dela é de professora e vai ser uma professora muito dedicada”. Meu pai sempre dizia: “se Deus quiser, vou trabalhar, ou formar a minha filha para ser professora”. Isso foi entrando cada vez mais na minha cabeça, continuando o que já havia começado, não houve resistência, não houve nada. Fui estudar para ser professora, com muita dificuldade eu cheguei lá.*

**Professora Isis:** *ingressei na escola no dia 25/02/1990, com o apoio de uma amiga, que me convidou para completar uma vaga que estava faltando professor, tinha só o Magistério, com o tempo fiz o curso e passei pela graça de Deus, e aceitei com alegria. Meus pais me apoiaram e ficaram felizes também.*

**Professora Catarina:** *na verdade, meu desejo era ser advogada, mas como minha família não tinha estudo, a única opção era cursar o Magistério.*

**Professora Anastácia:** *ingressei na docência no último ano do Magistério, quando fui fazer meu estágio de Educação Infantil, e foi lá que eu me apaixonei por crianças, achei que eu poderia dar o meu melhor, não que eles não tivessem bons professores, eles tinham sim, excelentes professores, mas foi neste que aconteceu, mais por amor mesmo. Não houve tanta resistência por parte da minha família, até porque minha mãe sabia ler, mas era uma pessoa que me incentivada o tempo todo, então tudo que eu sou, tudo que eu consegui, foi com o apoio da minha família. Na época eu era solteira, não cuidei muito dos meus irmãos, mas eu me apaixonei pelas crianças, assim iniciei no Jardim de Infância, que hoje é a Escola São Francisco, que foi a minha primeira experiência, tanto no estágio quanto na docência.*

Podemos constatar neste tópico do roteiro que a Professora Aurora, Isis e Anastácia quiseram de fato lecionar, que atuar na docência estava em suas vidas como primeira opção, e

que mesmo diante das dificuldades não desistiram, caminharam arduamente e conseguiram realizar seus sonhos se tornando professoras. De acordo com Soares:

O processo em que alguém se torna professor (a) é histórico, ensina-nos ela, mesmo sem o pretender. Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. (1991, p. 48)

É por meio deste processo que Soares fala do “ser profissional” como professor(a). Partindo disto, “ser profissional” vai se constituindo por consequência de suas práticas sociais, suas vivências como docente, sendo assim, o(a) professor(a) vai se harmonizando com processo educativo, aprendendo com as relações que esta profissão traz. E Magnani (1993) relata que:

Suas vivências e lembranças, suas leituras e escritos, seus registros e documentos, sua memória. Embora reconheça que esse percurso de muitos outros sujeitos de sua geração, é para a sua singularidade que ela se solta. Singularidade que se vai constituindo no embate entre “uma identidade conferida e estável e as alterações que a experiência acidental e imprevisível lhe proporciona”. (1993, p. 48)

Na perspectiva de Magnani, conhecemos a verdadeira singularidade de como um ser se torna professor(a), assim, com as suas características únicas, mesmo entendendo que a formação de professores ocorre em diversos espaços. A autora afirma que cada professor(a) vive a sua experiência, a sua singularidade, de modo particular, desta maneira, esta construção varia de maneira intrínseca para o sujeito. Por essa razão, é particular a maneira como é conduzida a constituição de cada professor(a).

Outro aspecto relevante entre as vivências das Professoras Aposentadas, são que todas passaram por situações sociais e econômicas difíceis. Vieram de famílias de classe baixa, sem condições e conhecimentos. Desse modo, essas foram as razões que fizeram com que seus pais as incentivassem a estudar para melhorarem de vida, e que infelizmente as políticas públicas não atendiam essas famílias, mas, com o pouco de conhecimento que tinham, buscavam ajudar suas filhas.

Os pais das professoras não eram alfabetizados e não sabiam ler e nem escrever, o que nos faz perceber que, em suas épocas, ter acesso aos estudos era algo difícil, não havendo a possibilidade de estudar, já que tinham que sustentar suas famílias. Atualmente, podemos considerar que as leis asseguram a educação escolar, contudo, ainda é preciso mais investimentos e seriedade dos agentes públicos neste processo. Outro aspecto que sobressai são os problemas sociais e econômicos presentes na vida dos sujeitos, não por culpa deles, mas por

falta de políticas públicas sociais justas e igualitárias, as quais em grande parte privilegiam quem está no poder, deixando à margem as populações pobres.

Entretanto, mesmo com as adversidades presentes em suas vidas, elas não hesitaram em realizar seus sonhos e melhorarem suas vidas, para assim dar assistência as suas famílias que tanto as motivavam. Foi possível perceber, também, o quando as Professoras Aposentadas amavam o que faziam, como se sentiam realizadas ao serem professoras. Pode-se perceber, todavia, o significado da infância pobre, mas que em suas falas, elas se sentem vitoriosas e realizadas por terem conseguido ser professoras.

Apenas a professora Catarina, que tinha outro sonho para a sua vida profissional, mas que pelo fato de vir de uma família muito pobre e sem estudo, não teve outra escolha, pois, para ela, ser professora estava mais de acordo com a sua realidade. Contudo, ao longo de sua trajetória como docente, foi se encontrando e sentindo prazer em lecionar. Neste sentido, Deleuze destaca:

Aprender diz respeito essencialmente aos “signos”. Os signos são objeto de um aprendizado temporal, não tem um saber abstrato (...) Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. (...) Todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos. (1987, p. 109)

Ao destacar o que o autor traz, é possível compreender o processo que aconteceu com a professora Catarina, cujo sonho era se tornar advogada, mas, diante de suas condições sociais, econômicas e educacionais, não pôde seguir a sua primeira opção. Contudo, Catarina se tornou “sensível aos signos” do trabalho educativo, ao se identificar com a docência. Ela foi se encontrando neste processo, que é história que se faz nas relações e no tempo. Assim, ao se encontrar com o trabalho educativo, aprendeu a “significar” a sua profissão docente, dando o seu melhor como profissional.

Quanto as instituições de ensino, perguntamos: E as escolas por onde trabalhou, nos fale das suas experiências? Houve alguma escola que lhe marcou? Elas expuseram como foi esse processo.

**Professora Aurora:** *bom, falando da experiência, logo no início não tínhamos curso de alfabetização, me deram a primeira série, e foi meio difícil, pois as crianças não sabiam absolutamente nada, pelo fato de não ter alfabetização, mas eu fui levando, pelo menos eles aprenderam a escrever seus nomes, palavras, mas a maioria aprendeu a ler, foi devagar, mas conseguiram, essa foi a minha maior dificuldade.*

*As escolas em que trabalhei todas me marcaram profundamente de acordo com a sua realidade de cada uma delas, cada uma sempre me marcou em alguma coisa. Foi o Patronato*

*Maria Auxiliadora, Oswaldo Cruz, Álvaro Maia e a escola Dom Bosco, foi algo muito incrível. Uma experiência muito boa, para não dizer que não existia algo negativo, sempre aparecia uma vez ou outra, mas todas elas me marcaram, principalmente em datas específicas.*

**Professora Isis:** *as escolas por onde trabalhei, me ensinaram muitas lições de vida. E a escola que me marcou mais, foi justamente aquela que eu ajudei a construir, Jardim de Infância São Francisco.*

**Professora Catarina:** *cheguei em Humaitá em 1989, naquela época aqui quase nenhum professor tinha faculdade, eu também não havia concluído a minha, então a cidade precisava muito de professor, e eu fui trabalhar na Escola Oswaldo Cruz, dando aula para o Magistério. A situação era precária, tanto de recursos, quanto a questão da falta de energia, pois tínhamos apenas 02 (duas) horas de aula.*

*Em cada bairro, só ficava 02 (duas) horas de energia. Mesmo diante de tantas dificuldades, os alunos eram esforçados e conseguiam ter bons resultados. Hoje a grande maioria dos professores foram formados naquela época de tantas dificuldades. Trabalhei em várias escolas: Patronato Maria Auxiliadora, Álvaro Maia, Duque de Caxias, Santo Antônio, Gilberto Mestrinho e Dom Bosco. Sempre em empenhei muito naquilo que me propus a fazer. Amo ensinar e me sinto realizada como professora.*

**Professora Anastácia:** *eu trabalhei em poucas escolas, mas as experiências que tive, são coisas que eu trouxe para dentro da minha casa, para os meus filhos, foram vivências felizes e tristes. Triste quando um aluno chegava e me dizia que não tinha feito a tarefa porque não tinha lápis, não tinha caderno e isso mexia demais com a minha cabeça, então eu sempre fui uma professora meio mãe.*

*Chegava em casa, procurava um jeito de ir comprar lápis e caderno e sempre fui assim com os meus alunos, foi algo que sempre fez parte de mim. Trabalhei apenas em 02 (duas) escolas: Jardim de Infância e Oswaldo Cruz. Assim, a escola que mais me marcou foi o Oswaldo Cruz, e foi lá que eu consegui me realizar mesmo como profissional. Trabalhei com alfabetização, com os anos iniciais e ensino médio, fui coordenadora do ensino médio inovador, me realizei, e o Oswaldo Cruz foi minha paixão. E eu só sai de lá para assumir a Gestão na Escola Santo Antônio.*

As quatro Professoras Aposentadas, passaram por grandes dificuldades na sua carreira como docentes, principalmente no início. Contudo, estes momentos e desafios não lhes desmotivaram.

As professoras Aurora e Isis, enfrentaram, além dos problemas educacionais presentes no município, os problemas locais como a falta de recursos de um modo geral, a falta de cursos de formação, a falta de energia elétrica, entre outros problemas que também dificultavam seus trabalhos. Porém, mesmo com todos os contratemplos que existiam, conseguiram ter bons resultados, pois, segundo as Professoras Aposentadas, o início de suas experiências na docência foi marcado por alunos que, na época, eram mais interessados. Os pais também participavam mais, então, isso facilitava tanto os seus trabalhos como também o processo de ensino.



Todas têm em comum momentos profundos e marcantes pelas escolas em que lecionaram, constatamos também que as professoras Isis e Anastácia trabalharam na mesma escola “Jardim de Infância”, que hoje é a Escola Municipal São Francisco. Assim como Aurora e Catarina trabalharam em escolas em comum, tais como: Patronato Maria Auxiliadora, Oswaldo Cruz e Álvaro Maia. Em suas trajetórias por essas escolas, obtiveram muitos conhecimentos e experiências, o que acarretava automaticamente a essas professoras, na época em que trabalhavam, serem as vezes mais que professoras, mas, também mães. Assim, Fontana (2000, p. 91) afirma que “a importância da experiência escolar ‘legítima’ por excelência na sociedade moderna, está na raiz do seu ‘ser professora’”. Sendo assim, a experiência escolar faz parte do processo pessoal e profissional do professor(a), essa contribuição tem a capacidade de potencializar os conhecimentos e práticas dos professores e professoras.

Essas experiências, tanto pessoais quanto profissionais, fizeram as professoras construir suas identidades, conforme afirma Nóvoa (1992, p. 7), “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Assim, é colocado no processo de percurso de vida, suas ações individuais e coletivas, o que possibilita o professor(a) construir sua identidade profissional, pois o professor é a pessoa, e a pessoa é o professor, essas duas dimensões, pessoal e profissional, são impossíveis de serem separadas. Assim, a perspectiva da pesquisa autobiográfica ou história de vida pode ajudar o docente, através dos relatos de vidas, a desvelar as dúvidas, a trazer todas as questões e expectativas, pois ao falar/contar, é possível que o docente perceba suas subjetividades, tanto na profissão quanto na própria vida.

É pertinente observar que a cada áudio ouvido, nos enchíamos de interesse pelas histórias das Professoras Aposentadas, prosseguimos: Você lembra como planejava suas aulas? E como era a dinâmica de ministrar as aulas? Como era a relação com seus alunos?

***Professora Aurora:*** logo no início a gente não sabia nem para onde ia, na escola Dom Bosco, a “Neguinha”, nos dava orientações, que ela se formou no colégio Santa Terezinha, e ela nos passava experiências e a gente seguia aquele roteiro dela. E os padres que vieram para trabalhar, eram da Itália e pelo currículo dela, ela tinha competência e ela foi nos informando devagar, e com ela a gente aprendeu muitas coisas.

*As dinâmicas nas aulas, eram de acordo com a matéria que ensinávamos, e tinha muita coisa boa para ensinar, principalmente em Geografia, fazíamos cartazes, era algo muito bom, História ensinava também, mas não era como a Geografia, a História é vivência e na época era só o que estava no livro mesmo e assim conduzíamos, a Matemática também tive uma boa experiência com as crianças, o mais difícil era ler, pois eles vinham da primeira série sem saber ler direito, iam para a segunda lendo mais ou menos e já na terceira série que a leitura melhorava, mas a gente seguia lutando até conseguir.*

**Professora Isis:** *As aulas eram planejadas sempre em equipe, e cada um falava de suas experiências. Dando oportunidade para os alunos se expressarem. A relação entre professor e aluno era como uma família, sempre havendo o diálogo.*

**Professora Catarina:** *quanto ao planejamento, era feito com todos os professores daquela área e depois cada um desenvolvia, utilizando os meios que tivesse, aulas explicativas com uso do quadro branco, livros didáticos, aulas dramatizadas, vídeos-aulas. Sempre tive um relacionamento bom com os meus alunos.*

**Professora Anastácia:** *sim, minha querida, como eu me lembro bem como planejavamos nossas aulas. Era tudo escrito no caderno, cada detalhe, como você ia desenvolver cada atividade e de que forma, pois como eu sou uma professora das antigas, nós tínhamos que comprar a nossa cartolina, preparar o nosso próprio material, e fazer tudo de acordo com a aula do dia seguinte. A gente fazia aqueles “bonequinhos” de cartolina, era tudo assim, não tinha toda essa dinâmica que vocês têm hoje, como a mídia, isso era um sonho, mas que só chegaram na minha época quando eu estava no ensino médio inovador, que já tinha data show, notebook, coisas assim, era uma dinâmica que você precisava dar o seu melhor mesmo.*

*As relações com os meus alunos sempre foram muito boas, agradeço a Deus por isso, por eu sempre ser uma professora que entendia o lado deles, as vezes quando eles tinham problemas em casa, eles chegavam na aula, eu já percebia que tinha algo estranho, então já perguntava: o que você tem, meu lindo ou minha linda? Você está triste? Pois, você não é assim. Desta forma, eu dava a liberdade para que esse meu aluno pudesse falar comigo, conversar, e eles se abriam. Depois quando eu fui para a coordenação, muitas vezes eu tive que ir à casa de alunos, conversar com pais, conversar com avós, para saber por que eles chegavam na escola chateados e revoltados. A família é a base, e quando a família não é estruturada, e quando você é professore e educador, você acaba se envolvendo, meio que sem querer, mas você acaba se envolvendo com a vida do aluno. A gente costuma dizer que os pais não conhecem os filhos, nós professores é quem conhecemos, pois a vivências deles é 04 (quatro) horas na sala de aula conosco, então nós conhecemos um pouco de cada um dos nossos alunos, sabemos assim o quanto eles sofrem, quando estão com problemas em casa, então eu sempre procurei ter uma relação muito amigável com os meus alunos.*

Ao falarem sobre planejamentos, percebemos que as professoras Aurora e Anastácia tiveram algumas dificuldades em suas caminhadas: uma pelo fato de, na época não existir recursos que suprissem todas as necessidades do ensino, tempo muito difícil para o município, que ajudassem na melhoria da educação, ou seja, se hoje percebemos a grande falta das políticas públicas, há 20 (vinte) anos isso era ainda mais evidente; outro fato interessante, abordado pela professora Anastácia, diz respeito sobre o momento em que a tecnologia chega nas escolas. Mesmo sabendo que esses fatores vieram para contribuir, muitos(as) professores(as) não sabiam como administrar esses objetos.

Quando começaram a trabalhar na área da docência, tudo era feito à mão, o que exigia muito mais esforço, trabalho e amor. Outro ponto que mesclam em suas falas é o da doação que é preciso ter na carreira docente, pois esse é um dos motivos que um(a) professor(a) precisa ter

consciência para ser responsável e determinado, caso contrário, não conseguirá se sentir realizado no que faz.

As professoras Isis e Catarina relatam que os trabalhos ocorriam de modo coletivo, em que todos relatavam suas experiências, trocavam ideias para se ajudarem e depois buscavam ferramentas para desenvolver seus objetivos com os alunos nas aulas, o que é muito interessante e relevante, pois diante de algumas experiências que tive em estágios, não é possível ver isso com tanta clareza por parte de alguns docentes nos dias de hoje, talvez, pelo excesso de trabalho, realizam suas atividades de forma isolada.

Desta maneira, essas interações que ocorriam na vida de cada Professora Aposentada fazem parte do processo constitutivo da identidade profissional do(a) professor(a), assim como a imagem que elas constroem de si na profissão.

Nesse processo, a construção da identidade do(a) professor(a) passa por transformações, sendo reconstruída no decorrer de sua trajetória através de experiências pessoais e sociais, conforme esclarece Dubar (1997) em que diz que:

[...] a identidade humana como construção a um só tempo individual e coletiva, associada ao processo de intervenção dos indivíduos sobre si mesmos e a diversos fatores externos, entre eles as visões de mundo construídas socialmente, de acordo com a cultura em que vivem. (BURNIER et al 2007, p. 347)

A partir dessa construção, Dubar (1997) reforça esse processo da identidade do(a) professor(a), que está em mutação constante como tudo que está em seu entorno, principalmente com as questões que envolvem particularmente a profissão docente. Sendo assim, as questões sociais, taxas de desemprego, a conclusão dos estudos, a busca de um trabalho e a formação continuada estão inclusos dentro dessa construção da identidade.

Procuramos compreender como era a dinâmica de trabalho com os seus pares na escola, com a seguinte pergunta: E as vivências com seus colegas de trabalho, o que pode nos contar de marcante?

**Professora Aurora:** *naquele tempo os professores eram mais humildes, eram bons e um ajudava o outro com o que tinha, a gente colaborava e como eu disse, a “Neguinha” ajudava muito, íamos para a frente, não tinha jeito mesmo.*

**Professora Isis:** *as vivências eram muito familiares, quando tinha uma ideia boa, partilhava com todos.*

**Professora Catarina:** *acredito que os professores daqui de Humaitá são bens amigáveis e sempre houve uma ajuda mútua, nós éramos um grupo de pessoas dedicados aos nossos alunos.*

**Professora Anastácia:** *quando comecei a trabalhar, sempre busquei me relacionar bem todos os colegas, tem aqueles que você tem mais afinidade, aqueles são apenas são colegas de trabalho, aqueles que você sabe que pode contar, eu tive muito apoio de professores experientes, de professores que eu estagiei na sala deles, depois que se tornaram meus colegas de trabalho.*

*O que mais me marcou foi quando eu não sabia fazer o plano de aula, e eu cheguei em uma professora e ela disse que é não era assim o plano de aula que eu estava fazendo, e então ela me ensinou a fazer. Eu sou muito grata a essa professora, que hoje também está aposentada, até hoje temos contato, sou muito agradecida. Outra coisa me marcou foi quando precisei usar o data show e eu não sabia ligar, isso foi inédito, pois a tecnologia estava chegando nas escolas, então a gente não sabia muita coisa, mas também sempre tive muito apoio dos colegas que eram da área da informática, tínhamos um coordenador de informática que dava todo o suporte necessário que precisávamos, nos ensinou a fazer slide e outras coisas que me marcaram demais.*

As professoras aposentadas buscaram sempre ter autonomia e boas relações com os seus colegas de trabalhos. Todas as ideias eram partilhadas, constantemente exercitavam o trabalho mútuo e toda ajuda era bem-vinda, desde que viesse para colaborar no processo educativo.

A professora Aurora relatou que naquela época os professores eram mais humildes e solidários, exatamente por estarem em um contexto literalmente diferente dos dias de hoje. Eles(as) eram mais dedicados, já que havia uma colaboração também por parte dos pais, isso facilitava a convivência, ajudava a perseverar e a progredir, diferente de hoje, que buscamos tantos meios para ter uma educação melhor e de qualidade. Essa questão nos reporta a autonomia, que segundo Vygotsky, nasce da atividade compartilhada.

As regras que um sujeito vem a colocar para si são regras socialmente construídas. As elaborações cognitivas no nível individual não se dão fora da trama social (coletiva) que envolve necessariamente o 'outro', e as palavras, as perspectivas, os conhecimentos dos outros. (...) A autonomia está, portanto na relação com o outro e na interpretação dessa relação. (1984, p.119)

Vygotsky (1984) destaca a importância de refletir sobre a autonomia, diante disso, a identifica como um dos fatores principais para as relações de trabalho. Assim como as Professoras Aposentadas apontaram: sempre buscaram ter boas condutas com as suas parceiras e parceiros de profissão. Sendo assim, é essencial que qualquer tipo de conflito seja bloqueado, para que não haja falta de profissionalismo ou de resistência à mudança. Por isso, é necessário a construção diária da autonomia e do trabalho coletivo, tanto na formação, quando na prática como docente.

A partir destas relações tecidas na convivência com seus colegas, com os alunos, aprendendo a planejar a manusear novos artefatos, perguntamos: Como você se sentia sendo professora?

**Professora Aurora:** *eu me sentia muito útil como professora, me sentia respeitada, os pais faziam questão de ir às escolas conversarem sobre os seus filhos, e a gente conversava sobre isso e eles aceitavam, logo em seguida os alunos ficavam melhores, ficavam mais obedientes, mais responsáveis e faziam todas as tarefas, pois tínhamos o apoio dos pais, a gente se sentia queridas pelos pais das crianças e por eles. Na escola Dom Bosco, tinha muita participação com brincadeiras e festinhas, não era apenas uma escola, tinha alegria e onde tem alegria, tem mais prosperidade, assim as crianças gostavam mais da escola, dos professores e de estudar, então tínhamos esse aval.*

**Professora Isis:** *eu me sentia realizada, pois me doava o quanto podia para ver meus alunos e demais colegas brilharem.*

**Professora Catarina:** *realizada.*

**Professora Anastácia:** *sempre me senti bem, me sentia à vontade, mas tinha momentos que me sentia frustrada por não conseguir atingir meus objetivos, horas era só felicidade e horas também era tristeza. Mas, eu digo que a vida de professor, é vocação, doação e amor, é você agarrar e abraçar a causa, uma responsabilidade muito grande, pois não é fácil, tem horas que você precisa renunciar certas coisas, e eu sempre fui uma professora muito disciplinada com relação a postura e comportamento.*

*Nunca sai para lugares que eu sabia que poderia encontrar meus alunos do ensino médio, exatamente pelo fato de isto me marcar, pois eu não gostava quando os alunos diziam: “eu vi professor tal, em um tal lugar, bebendo todas”. E eu não bebo, então isso não me atingia muito, mas eu sempre procurei ter uma postura e conduta ilibada diante dos meus alunos, para eu não ser um mal exemplo para eles, queria que me vissem como uma pessoa correta, que gostava do que fazia e fazia com amor, então eu me sentia realizada e tudo que eu tenho na minha vida hoje, eu consegui, como professora. Tem gente que diz que professor ganha mal, mas sim ganha mal, mas você precisa administrar o que você ganha, que assim você consegue ter as coisas e consegue se realizar como profissional.*

É visível perceber ao longo do percurso das narrativas que todas as professoras se sentiram realizadas em suas carreiras, até mesmo a professora Catarina que tinha a vontade de cursar outro curso.

Compreendi que naquela época os obstáculos eram maiores, mas que, sem generalizar, as professoras tinham mais prazer em lecionar. A partir das narrativas delas e das experiências que fui adquirindo ao longo da minha trajetória acadêmica, posso afirmar que existem muitas lacunas na educação, e, principalmente, na formação de professores, que vivem hoje um tempo de incertezas e complexidades. Além disso, Nóvoa fala das novas atribuições e preocupações do professor na atualidade:

[...] a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. [...] e essa incerteza, muitas vezes, transforma o professor num profissional que vive numa situação difícil e complicada pela complexidade do seu trabalho, que é maior do que no passado (2001, p.354)

Como Nóvoa destaca, os professores, de um modo geral, devem estar preparados para as mudanças, pois com todas as transformações que têm acontecido é primordial que o professor invista em seus momentos de sociabilidade e lazer, para, assim, melhorar o seu trabalho como professor e para a sua diversão, que faz com que o professor venha a se desempenhar ainda mais, tendo prazer com o que gosta de fazer.

Assim, mesmo que naquela época tudo fosse mais trabalhoso, os pais se faziam mais presentes, se importavam com os estudos de seus filhos, e, após uma observação feita por eles, os alunos voltavam para a sala mais participativos, obedientes e atenciosos. O que nos faz perceber desde aquela época o quando é fundamental essa ajuda e intervenção dos pais na vida escolar dos alunos. Desta forma, destacamos mais uma vez o trabalho coletivo como uns dos elementos cruciais para o trabalho pedagógico.

E, finalmente, buscamos entender o processo que Huberman (2007) descreve como desinvestimento: Há quantos anos está aposentada? Como foi o processo?

**Professora Aurora:** *estou aposentada há 26 anos na primeira aposentadoria. Ocorreu tudo bem com os processos, completei minha idade normal, só da minha primeira cadeira que, quem tinha sido diretora tinha que trabalhar mais 05 (cinco) anos para o Governo, e na segunda cadeira faz 18 anos que me aposentei. Nesta segunda aposentadoria foi até melhor, pois eu fui na SEDUC vê alguma coisa e já verifiquei isso com o “Weliton” que mora até aqui perto da minha casa e que trabalhava com isso, então perguntei quanto tempo faltava para eu me aposentar e ele disse que eu poderia começar hoje, pois naquele dia completava 25 anos.*

*Então logo recebi o documento para ficar em casa e foi uma experiência muito boa e se tem algo que eu aprendi na minha família foi a ser humilde, não querendo ser a dona da sabedoria, mas eu fui muito humilde e ajudava minhas amigas e até os alunos, as vezes trazia até uns alunos para a minha casa para ensinar uma tabuada, especialmente a Matemática com as lições, para não serem reprovados, e como eu não tinha filhos naquela época, eu ajudava muito, era lá na mamãe e quando terminavam, iam brincar com as palhas, eles abriam as palhas para mim.*

*Tinha uns pais que eu avisava, se ele não fizer a tarefa, pode deixar que eu vou levar ele lá para a minha casa, tinha um ou outro assim, que não era muito empenhado, mas que depois melhoravam, e eu não queria o mal deles, por isso eu os ajudava. E assim, [...], essa foi a minha caminhada, foi muito boa, e não tenho muita coisa para te dizer, porque eu trabalhei pouco tempo como professora, ainda dei aula no segundo grau, mas isso já era em outra época e eu estava grávida do ...., fui substituir um professor que saiu, para assim os*

*alunos receberem o diploma, e tanto as experiências com crianças e adultos foram legais, tinha um certo receio, mas eu me dei muito bem, graças a Deus!*

**Professora Isis:** *estou aposentada há 04 anos. Quando estava perto para completar a idade, o tempo de serviço comecei a dar entrada, e graças a Deus foi bem aceito. Hoje me sinto feliz por ter cumprido minha missão.*

**Professora Catarina:** *estou aposentada há 03 anos, foi um processo simples, trabalhei 28 anos e estava na hora certa de me aposentar.*

**Professora Anastácia:** *em julho completo 07 anos que estou aposentada pelo Estado, são sete anos de afastamento de sala de aula, mas a minha aposentadoria só saiu depois que eu completei 50 anos. Mas em nenhum momento eu fiquei afastada da educação, e não é um processo fácil, é um processo dolorido, de certa forma angustiante, é como se você estivesse perdendo parte de você.*

*O afastamento da sala de aula para o professor é muito doloroso, pelo menos quando você do que você faz, não é fácil. Tanto os 05 (cinco) anos que eu fiquei em casa, eu não consegui ficar em casa, achei até que eu ia entrar em depressão, então comecei a fazer cursos no CETAM, e eu fiz vários cursos para me ocupar.*

Com base nas narrativas das professoras Aurora, Isis e Catarina, o processo burocrático de aposentadoria foi rápido e tudo ocorreu bem. Elas sentiram o prazer de dever cumprido. Todas se aposentaram com o tempo certo de trabalho. Seus caminhos foram traçados por muitas batalhas, mas chegaram ao tempo de suas aposentadorias.

A professora Anastácia não teve as mesmas experiências que as demais, o processo foi difícil. O sentimento que sentiu foi de se desligar de algo em si, em que se dedicou a vida inteira a essa tarefa, que é ser professora. A aposentadoria, para a professora Anastácia, foi dolorosa, exatamente por amar e se dedicar ao que ela fazia, principalmente quando sabe o quanto isso faz diferença na vida de pessoas.

Contudo, as Professoras Aposentadas ao narrarem suas trajetórias, deixam transparecer que se realizaram com a profissão docente, foram indispensáveis em seus papéis e fizeram uma grande diferença na educação escolar no município de Humaitá-AM. Desse modo, os relatos de cada professora nos fizeram perceber que cada uma trazia consigo uma certa satisfação em cada momento de sua profissão docente, mas o que de fato ainda é mais importante é que essa trajetória só foi possível com a perseverança, amor e doação que cada uma teve ao longo de suas jornadas na docência.

Ainda, pôde-se observar em suas narrativas que têm trajetórias de vida semelhantes, ou seja, mesmos com as especificidades da vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional que cada uma teve em seu percurso, as quatro vieram de famílias de classe trabalhadora, de pais

analfabetos e sem condições econômicas, e todos esses aspectos de suas histórias de vidas, tiveram contribuições para as concepções que cada uma obteve sobre a educação escolar.

Goodson (2010) destaca a importância das vozes dos professores no processo de investigação sobre a escola, sendo assim, o autor estima que dar atenção para as histórias de vida dos professores é uma maneira muito benéfica para analisar as questões curriculares e as práticas pedagógicas, já que os mesmos que atuam neste ambiente conhecem as necessidades que estão dentro do contexto escolar e que estão ligadas às suas experiências. Outro aspecto que o autor enfatiza são as informações com as histórias de vidas de professores(as), que são carregadas de fatores fundamentais para a investigação educacional, pois, como já averiguado, eles(a) carregam experiências dentro e fora da escola, como suas identidades e culturas, que emergem um grande impacto sobre as práticas educativas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada até aqui<sup>2</sup> revela um intenso processo de buscas, aprendizados e descobertas, que me fizeram refletir não só como acadêmica, mas como Professora/Pedagoga, nas razões pelas quais prossegui com o Curso de Pedagogia. Ao construir este trabalho, fazer as leituras dos textos, compreender e analisar, pude fazer uma junção a partir dos conceitos que os autores citados abordam com relação as histórias de vidas, formação e docência.

Neste sentido, o estudo se voltou para as **Narrativas de Professoras Aposentadas: Histórias de Formação e Docência**, que são os relatos de suas histórias com a formação e docência, onde construíram as suas profissionalidades e subjetividades em histórias particulares. Assim, cada professora aposentada relatou o seu processo, em que foi possível constatar que entre elas existem diferenças e semelhanças conforme destacado no ciclo profissional de Huberman, mas que ao final de suas carreiras, conseguiram alcançar seus objetivos na docência.

É importante ressaltar a importância pela opção deste tema, pois, o tema analisa as dimensões em que está inserida a formação de professores(as) e como esse processo se desenvolve. Assim, nestas considerações, quero assinalar pontos preponderantes, para que não seja uma conclusão propriamente dita, mas que seja um trabalho para continuidade, pois, como estudante em formação, me aprofundei com bases nos autores e percebi a necessidade de termos mais espaços e uma formação de qualidade, para desconstruirmos os dilemas que acarretam a profissão docente.

Diante da análise feita acima, das histórias de vida das professoras aposentadas, essa experiência me permitiu enxergar aspectos relacionados *como nos tornamos professoras?* Tendo embasamento em Fontana (2000), “que se interroga e nos interroga”: *como nos tornamos professoras?* O que me fez perceber como se tem elaborado ou como somos vistas em nossa função social (professora).

Assim, ao transcrever as entrevistas das professoras aposentadas, muitas situações rememoradas por elas me permitiram analisar como a escola, as políticas educacionais, o sistema de ensino e a vida pessoal do docente exerce grande relevância na construção da formação e docência de professores(as).

---

<sup>2</sup> Retomo aqui a primeira pessoa do singular pois abordarei minhas experiências acadêmicas.

As Professoras Aposentada entrevistadas apresentaram evidências de como a vida pessoal e profissional fazem parte desse processo e como elas são indissociáveis na construção da formação e identidade do(a) professor(a). Desse modo, o trabalho esclarece que a formação docente não se constrói pela acumulação de cursos, conhecimentos e até mesmo técnico, mas também por meio da reflexão crítica, nas práticas e na construção de uma identidade pessoal, por essa razão, é essencial investir na pessoa para florescer o saber da experiência.

O processo de iniciação à docência foi motivado por diferentes fatores, os quais foi influenciadores pela definição do magistério como profissão, envolvendo a pessoa e a profissional e construindo sua identidade docente.

Esses longos anos de vivência nos magistérios envolveu muitas escolas, momentos de planejamentos e trabalho coletivos, uma boa relação com os estudantes, além disso, evidencia a complexidade de ser Professora já que houve momentos de alegrias, satisfação, desafios e conquistas.

Consideramos que as Professoras Aposentadas se esmeravam na profissão, tinham disponibilidade para trabalhar coletivamente como sentimento de abertura e humildade, até que finalmente, chegaram no momento de se aposentar, entretanto, ressaltamos a contribuição importantíssima destas Professoras para a educação de várias gerações da cidade de Humaitá-Amazonas, e a elas prestamos nossas homenagens e agradecemos a participação nesta investigação.

## REFERÊNCIAS

- BATISTA, Eliane Regina Martins; NOGUEIRA, Eulina Maria Leite Nogueira; ALENCAR, Simône de Oliveira Alencar; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento. A Formação Docente no sul do Amazonas: limites e desafios para o exercício da cidadania. In: MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento (coord.). **Limites e desafios para o exercício da cidadania em busca de justiça social, cidadania, democracia, sustentabilidade e qualidade de vida em contextos amazônicos**. Pesquisa em educação, psicologia, sociedade e ambiente. Humaitá, Amazonas, Universidade Federal do Amazonas, Grupo Multidisciplinar de Pesquisa em Educação, Psicopedagogia e Psicologia Escolar – Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, UFAM/CNPq/LAPESAM/São Paulo, Editora Loyola, 2015.
- BUENO, B. O. et. Al. Histórias de vida e autobiografia na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, ago. 2006.
- DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1987.
- BURNIER, Suzana. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 35 maio/ago. 2007
- DOMINICÉ, Pierre. (1986). La formation continue est aussi un reglement de compte avec sa escolarité. Paris: **Educacion et Recherche** - 3/ 86.
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais** Porto: Porto Editora, 1997.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2000.
- HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal. Editora Porto. 2007. (Coleção Ciências da Educação)
- GOODSON, Ivor F. A representação dos docentes: trazer de volta os professores. In: \_\_\_\_\_. **Conhecimento e a vida profissional: estudos sobre educação e mudança**. Porto: Porto Editora, 2010, p. 62-78.
- LIMA, Adolfo. O recrutamento de professores. **Revista de Educação**, série III, no 4,1915, pp. 358-366.
- MAGNANI, Maria do Rosário M. (1993). **Em sobressaltos: formação de professora**. Campinas, SP; Editora da UNICAMP, 1993.
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. in: NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992a.

NÓVOA, António. A Reforma educativa portuguesa: questões passadas e presentes sobre a formação de professores. In: NÓVOA, António; POPKEWITZ, Thomas (orgs.). **Reformas educativas e formação de professores**. Lisboa: EDUCA, 1992b.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro**. Lisboa: EDUCA, 2009.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivizível” ao “dizível”. In: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida** (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SOARES, Magda. **Metamemória**. Travessia de uma educadora. São Paulo/; Cortez, 1991.

TAMAGNINI, Eusébio. A extinção das Escolas Normais Superiores. **Arquivo Pedagógico, IV** (1-4), 1930, pp. 101-204.

VYGOTSKY, L.S. “Problemas de método”. In:\_\_\_\_\_. **A Formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 107.